



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA
TRANSPESSOAL**

DALVA DÉBORA FÉR

A PINTURA COMO TERAPIA

**SALVADOR-BA
2009**

DALVA DÉBORA FÉR

A PINTURA COMO TERAPIA

Monografia apresentada ao INCISA - Instituto Superior de Ciências da Saúde MG, para obtenção do título de Pós-graduação e Especialização Profissional em Terapia Transpessoal.

Orientadora: Íris Cristina de Jesus Sinoti (Terapeuta).

**SALVADOR-BA
2009**



Figura 01 - El Morya
Fonte: Fer (2008)

*Todas as artes contribuem para a
maior de todas, a arte de viver.*

Bartolo Brecht



Figura 02 – Coração em chamas

Fonte: Farias (2001)

Dedico ao meu cunhado, amigo e conselheiro Ariosto Lima Farias (in memoriam), que muito me incentivou e me apoiou a tentar novas possibilidades no campo transpessoal.

Para os meus sobrinhos, David Farias Lockwood, Marcos Santos Fér e Marcelo Santos Fér, portadores de resistências e exemplos de forças psíquicas que se opõem a tornar conscientes pensamentos, idéias e outras manifestações. Eles foram um incentivo,

uma motivação permanente para a realização desta especialidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, nossa fonte de força, sempre ao meu lado, me ajudando nos momentos mais difíceis, me permitindo atravessar as barreiras, conquistando assim o meu ideal.

Ao mesmo tempo em que lhe agradeço, peço novamente sua proteção para mais uma jornada neste planeta, para que possa transmitir com respeito, amor e lealdade os conhecimentos enriquecedores recebidos no campo Holístico e Transpessoal a todos aqueles que buscarem o meu trabalho.

Aos meus pais que me deram a vida, mostraram-me que a verdade e as leis divinas são portais da alegria e da felicidade.

Saúdo, ainda os colegas, amigos, mestres e todos que, de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho.

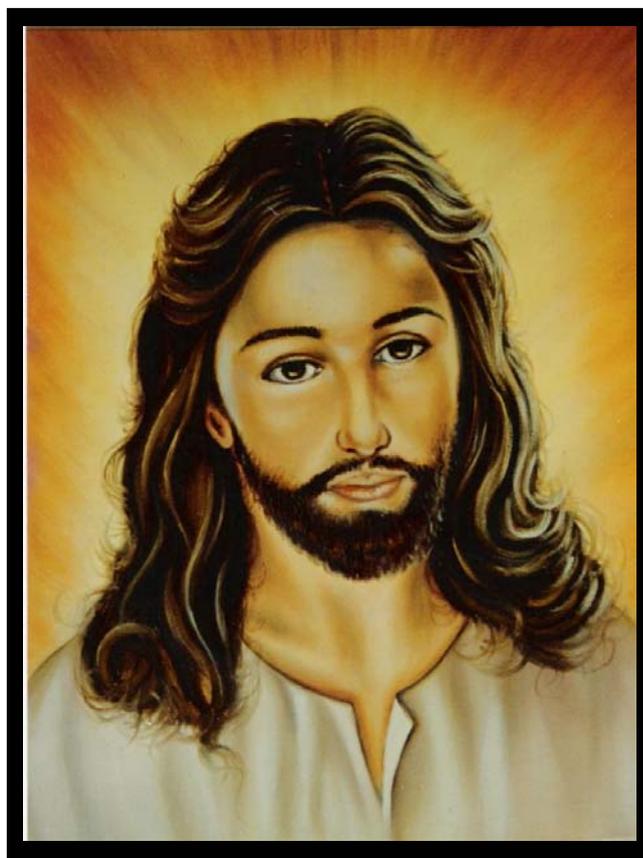


Figura 03 – Semblante de Jesus

Fonte: Fer (2004)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal demonstrar às pessoas o processo eficaz e eficiente de transformação do indivíduo através das artes-terapias manuais, focalizando os desenhos, pinturas e seus significados. A arte-terapia atua como um catalisador, favorecendo o processo terapêutico, de forma que a pessoa entre em contato com conteúdos internos e muitas vezes inconscientes, normalmente barrados por algum motivo, expressando assim sentimentos e atitudes até então desconhecidos. A utilização de recursos artísticos (pincéis, cores, papéis, argila, cola, figuras, desenhos, recortes etc.) tem como finalidade a mais pura expressão do verdadeiro *self*, não se preocupando com a estética e sim com o conteúdo pessoal implícito em cada criação e explícito como resultado final. No processo criativo, a energia do inconsciente se liga a um arquétipo e o expressa numa linguagem simbólica. A arte torna-se um canal para um nível não verbal de percepção que leva ao processo de individuação. Neste processo os indivíduos são forçados a confrontar-se com diversas facetas de seu íntimo que estão geralmente em conflito com as idéias e comportamento consciente. Este estudo caracteriza-se por ser de cunho descritivo e bibliográfico, onde são explicitados estudos e temas ligados à Psicologia Transpessoal e à Arte-terapia de variados autores de livros, revistas e da internet. Espera-se que este estudo venha esclarecer às pessoas a respeito da importância e da eficácia do processo terapêutico através da arte.

PALAVRAS-CHAVES: Psicologia Transpessoal; Simbolismo; Arte-terapia.

ABSTRACT

The main objective of this study is to demonstrate the efficient process of transformation of an individual through manual art therapy, focusing on drawings, paintings and their meaning. Art therapy acts like a catalyst, facilitating the therapeutic process, in such a way that the individual gets in touch with his often inaccessible and subconscious inner self, expressing previously undiscovered feelings and attitudes. Artistic resources (brushes, colors, paper, clay, glue, pictures, drawings, newspaper and magazine clippings, etc.) are used to achieve the purest expression of the true self, without concern for esthetics, but instead focusing on the personal content implicit in each artistic creation and explicit in its final result. In the creative process, the energy of the subconscious becomes linked to an archetype and expresses itself in symbolic language. The art becomes a channel to a level of non-verbal perception that leads to a process of individuation. In this process the individual is forced to confront the various facets of his inner self which are generally in conflict with his conscious ideas and behavior. This study is characterized by its descriptive and bibliographic references, which include studies and themes dealing with Transpersonal Psychology and Art Therapy from various authors of books, magazines and the Internet. It is expected that this study will help people to gain an understanding of the importance and efficiency of the therapeutic process through art.

KEY WORDS: Transpersonal Psychology; Symbolism; Art Therapy

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – El Morya.....	03
Figura 02 – Coração em chamas.....	04
Figura 03 – Jesus.....	05
Figura 04 – Rosas.....	10
Figura05 – Deus do Sol.....	13
Figura 06 – Mulher ao vento.....	18
Figura 07 – Santa Cecília.....	19
Figura 08 – O caminho.....	21
Figura09 – Joana de Ângelis.....	22
Figura 10 – O encontro.....	25
Figura 11 – Docilidade.....	29
Figura 12 – Jesus e o peregrino.....	30
Figura 13 – Monalisa, pintura de Leonardo Da Vinci (1503-1507).....	33
Figura 14 – David, Escultura de Michelangelo (1501-1504).....	35
Figura 15 – Nona Sinfonia de Bethoven (1824).....	37
Figura 16 – Cirque du Soleil, espetáculo circense (2004).....	39
Figura 17 – Oya.....	40
Figura 18 – Tigre.....	43
Figura 19 – Rosa.....	42
Figura 20 – Casario.....	44
Figura 21 – Kuan Yin.....	47
Figura 22 – Estudo de cores.....	50
Figura 23 – Negra.....	52
Figura 24 – Mar revoltado.....	53
Figura 25 – Jesus.....	54
Figura 26 – Santa Terezinha.....	57
Quadro 1 – Níveis de Consciência.....	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A Psicologia e sua Origem.....	13
2.2 Psicologia Transpessoal.....	19
2.2.1 Origens e conceitos.....	19
2.2.2 Fundamentos da psicologia transpessoal.....	22
2.2.3 Jung – o sábio da alma humana.....	30
2.3 A História da Arte.....	33
2.4 A Arte como Terapia.....	39
2.4.1 A obra de arte e o artista segundo Jung.....	42
2.5 A importância da Arte como Forma de Estruturação do Indivíduo..	46
2.5.1 Estudos de caso.....	52
3. METODOLOGIA.....	54
4 CONCLUSÃO.....	55
BIBIOGRAFIA.....	58

1 INTRODUÇÃO

“A autodescoberta pela arte leva não apenas à auto-realização, mas também a um aumento da capacidade de comunicação, compreensão, relacionamento e compromisso com os outros.”
(Rhyne, 2000)

A Psicologia Transpessoal estuda a consciência humana e seus diversos níveis de manifestações, interessando-se por toda e qualquer expressão do comportamento humano, em suas diversas amplitudes (consciente, inconsciente, superconsciente e supraconsciente). A diferença da Psicologia Transpessoal em relação às outras é que além de estudar o indivíduo, também é estudada a realidade em que a pessoa está inserida.

Propondo-se ao estudo dos níveis de consciência, com ênfase nos estados de consciência transpessoal, este novo ramo da psicologia, também denominado “*Quarta Força em Psicologia*”, estabelece uma conexão entre existencialismo, fenomenologia, humanismo e as mais recentes descobertas nos diversos campos do saber humano (FERREIRA et al. 2005, p. 29).



Figura 04 – Rosas
Fonte: Fer (2004)

A flexibilidade e a capacidade de abertura para o novo é característica básica para o terapeuta transpessoal. Assim, como as técnicas envolvendo morte-renascimento, as meditações, os exercícios psicofísicos, jornadas de fantasias, técnicas regressivas, desenho de mandalas entre outras, a arte-terapia também é

uma técnica utilizada pela Psicologia Transpessoal para auxiliar às pessoas a desatarem nós e resolverem traumas.

De acordo com Bergamasque et al. (2007, p. 11)

A arte mostra-se como elemento fundamental na formação do “homem”, ela sempre esteve presente no processo de construção da consciência humana em toda a sua estrutura onde estão vinculados os fatores social, religioso, cultural e principalmente psíquico.

Segundo Oliveira; Amaral (2007, p. 01), na arte-terapia, o exercício da criatividade e da imaginação tira os indivíduos da rotina, de hábitos repetitivos, de crenças negativas diante das dificuldades e do medo de situações novas. Ela propicia o ‘insight’, a ‘intuição’, ampliando a capacidade de criar soluções. Ao romper os bloqueios emocionais que impedem de ser autênticos, recupera-se o contato com a essência interior e a alegria de viver.

Logo, a arte-terapia é um processo dinâmico, espontâneo e criativo onde ao representar simbolicamente os sentimentos e emoções através da arte, se aprende a conhecer a si mesmo. É um convite às crenças e valores para uma reelaboração - cada vez que se expressa pela argila, desenho, pintura, colagem, poesia, música, dança ou dramatização - vislumbrando possibilidades mais criativas e satisfatórias, mais saudáveis e coerentes com a sabedoria interior.

Através do explanado segue-se o questionamento: *De que forma a arte-terapia pode auxiliar no processo terapêutico?*

Este estudo tem como *objetivo principal demonstrar às pessoas o processo eficaz e eficiente de transformação do indivíduo através de arte-terapias manuais, focalizando os desenhos, pinturas e seus significados.*

Os objetivos específicos deste trabalho são assim definidos: demonstrar as características da Psicologia Transpessoal; levantar as características e conceitos

da arte-terapia; relacionar a importância e a eficácia da arte-terapia no processo de transformação interior.

Assim, este trabalho é estruturado a partir de assuntos pertinentes ao tema abordado, explanando-se os conceitos e características da Psicologia Transpessoal, da Arte-terapia e a importância desta no processo de conscientização do Ser.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“Nós poderíamos ser muito melhores se não quiséssemos ser tão bons.”
(Freud)*



Figura 05 – Deus do Sol

Fonte: Fer (2008)

2.1 Psicologia e Sua Origem

O termo psicologia origina-se do grego *psykhologuía*, termo derivado das palavras *psykhé*, "alma", e *lógos*, "palavra", "razão" ou "estudo") é a ciência que estuda os processos mentais, sentimentos e comportamentos dos indivíduos com a finalidade de auxiliá-los a uma melhor compreensão dos fatos da vida, isto é, a psicologia estuda o que motiva o comportamento humano – o que o sustenta, o que

o finaliza e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência.

A história da Psicologia se confunde com a Filosofia até meados do século XIX. Sócrates, Platão e Aristóteles deram o pontapé inicial na instigante investigação da alma humana. Para Sócrates (469/399 a.C.) a principal característica do ser humano era a razão, aspecto que permitiria ao homem deixar de ser um animal irracional. Platão (427/347 a.C.), discípulo de Sócrates, concluiu que a razão no corpo humano era situada na cabeça, representando fisicamente a psiqué, e a medula teria como função a ligação entre mente e corpo. Já Aristóteles (387/322 a.C.), discípulo de Platão, entendia corpo e mente de forma integrada e percebia a psiqué como o princípio ativo da vida (PSICOLOGIA ON-LINE, 2007).

A ênfase da psicologia da Idade Média era o conhecimento religioso, sendo evidenciado neste tempo Santo Agostinho e São Tomás de Aquino que seguiram os passos de Aristóteles.

Em 1649, René Descartes – filósofo francês – publica *Paixões da Alma*, reafirmando a separação entre corpo e mente, pensamento que dominou o cenário científico até o século XX. Alguns pesquisadores alegam que essa hipótese assumida por Descartes foi um subterfúgio encontrado para continuar suas pesquisas desenvolvidas a partir da dissecação de cadáveres, com o apoio da Igreja e protegido contra a Inquisição (PSICOLOGIA ON-LINE, 2007).

Foi no período de 1832 a 1860, na Universidade de Leipzig-Alemanha, que a psicologia separou-se da filosofia e através de trabalhos e experimentos em psicofísica que ocorreram aproximadamente de 1860 a 1879, deram à psicologia a condição de ciência, chamando-a de Psicologia Moderna. Considera-se como fundador da Psicologia Moderna Wilhelm Wundt, por ter criado, em 1879, o primeiro laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig, Alemanha.

De acordo com Ferreira et al (2005, p. 16), surgiram então, três correntes teóricas: o Estruturalismo, o Funcionalismo e o Associacionismo.

No Estruturalismo Edward Titchener (1867/1927) se preocupa com a consciência, com seus aspectos estruturais, percebendo a consciência, isto é, seus estados elementares como estruturas do sistema nervoso central, as sensações. Segundo esta perspectiva, o objetivo da psicologia seria o estudo científico da Experiência Consciente através da Introspecção.

O Funcionalismo elaborado por William James (1842/1910) teve a consciência como sua grande preocupação, como funciona e como o homem a utiliza para adaptar-se ao meio. O ambiente é um dos fatores mais importantes no processo de desenvolvimento. Os funcionalistas queriam saber como a mente funcionava e não como era estruturada.

O Associacionismo foi apresentado por Edward Thorndike (1874/1949). Seu ponto de vista era de que o homem aprende por um processo de associação de idéias gradativas, da mais simples para a mais complexa (FERREIRA et al. 2005, p. 17).

No início do século XX, surgiram outras correntes teóricas que ampliaram a linha de correntes psicológicas que hoje conhecemos.

O Behaviorismo que surgiu nos EUA com John B. Watson (1878/1958), e tornou-se conhecido pela teoria S-R, ou seja, para cada resposta comportamental existe um estímulo. O foco de estudo é o comportamento observável, e o condicionamento é o método utilizado por esta escola. Traz do funcionalismo a aplicação prática da psicologia; o seu foco está na aprendizagem (SÉRIO, 2005, p. 02).

Em meados do século XX, vários autores escreveram sobre o pensamento, e a cognição. Estes estudiosos acreditavam que o comportamento pode ser

entendido também a partir da cognição. Foi observado que o aprendizado pode existir sem a necessidade de condicionamento em laboratório, mas pela observação e elaboração do que foi visualizado. Assim, estava sendo criada uma divisão no *behaviorismo*: a Psicologia Cognitiva, chamada de a primeira grande força da psicologia (Op. cit.).

O Gestaltismo que surgiu na Europa, mais precisamente na Alemanha, com Wertheimer, Köhler e Koffka, entre 1910 e 1912 e nega a fragmentação das ações e processos humanos, postulando a necessidade de se compreender o homem como uma totalidade, resgatando as relações da Psicologia com a Filosofia. Ele se detém nos campos da percepção e na visão holística do homem e do mundo. Critica principalmente o Estruturalismo, chamado de psicologia do "tijolo de argamassa", pois via a mente humana dividida em estruturas. O lema da *gestalt* é: o todo é mais que a soma das suas partes (ENGELMANN, 2002, p. 01).

A Psicanálise, teoria elaborada por Sigmund Freud (1856/1939), foi caracterizada fundamentalmente por investigar o inconsciente, ganhando contornos da sexualidade, principalmente as pulsões da sexualidade infantil (LUSTOSA, 2003, p. 01).

Freud acreditava que os problemas dos indivíduos se originavam da inaceitação cultural, sendo assim reprimidos seus desejos inconscientes e suas fantasias de natureza sexual. O método básico da Psicanálise é a interpretação da transferência e da resistência com a análise da livre associação, isto é, o paciente é solicitado a dizer tudo o que lhe vem à mente, geralmente, o analista simplesmente escuta, fazendo comentários somente quando no seu julgamento profissional visualiza uma crescente oportunidade para que o paciente torne consciente os conteúdos reprimidos que são supostos, a partir de suas associações. Escutando o paciente, o analista tenta manter uma atitude empática de neutralidade. Uma

postura de não-julgamento, visando a criar um ambiente seguro (LUSTOSA, 2003, p. 02).

Atualmente a Psicanálise se apresenta de várias formas, que são a psicanálise ortodoxa, a psicanálise nova (ou neopsicanálise) e a psicologia de orientação analítica (utilizada não só por psicanalistas formados, mas também por psicólogos não especializados), todas com algumas peculiaridades. É a segunda grande força de psicologia (Op. cit.).

A Psicologia Humanística não é na verdade uma escola de pensamento, mas sim um aglomerado de diversas correntes teóricas. Em comum elas têm o enfoque humanizador do aparelho psíquico, em outras palavras elas focalizam o homem como detentor de liberdade e escolha, sempre no presente. Foi fundada por Abraham Maslow, porém a sua história começa muito tempo antes. A Gestalt foi agregada ao humanismo pela sua visão holística do homem. A psicanálise incorporou seus profissionais psicanalíticos como Carl Rogers, que apresentou três conceitos: a congruência, a empatia e a aceitação incondicional e Erik Erikson que acreditava que o homem sempre iria se desenvolver, não parando na primeira infância (TASSARA; DAMERGIAN, 1996, p. 03).

Maslow trouxe, para a psicologia que havia fundado, estes autores citados acima, agregando, ainda seus estudos sobre a pirâmide de necessidades humanas. Para ele, as necessidades fisiológicas precisam ser saciadas para que se precise saciar as necessidades de segurança. Estas, se saciadas, abrem campo para as necessidades sociais, que se saciadas, abrem espaço para as necessidades de auto-estima. Se uma destas necessidades não está saciada, há a incongruência. Quando todas estiverem de acordo, abre-se espaço para a auto-realização, que é um aspecto de felicidade do indivíduo. Esta é hoje a terceira grande força dentro da psicologia (Op. cit.).

A Psicologia Transpessoal surge da insatisfação de Maslow com sua própria teoria, pois lhe faltava o fato de o homem ser um ser espiritualizado. Para ele era importante a espiritualidade e as características da consciência alterada, teoria de Stanislav Grof.



Figura 06 – Mulher ao vento

Fonte: Fer (2004)

Assim, Maslow cria então, com

ajuda de outros psicólogos, a Psicologia Transpessoal, tomando como base os estudos de Carl C. Jung sobre aspectos transcendentais da consciência. Como Carl G. Jung era um estudioso dos aspectos transcendentais da consciência, foi tomada sua teoria para incorporar a Psicologia Transpessoal. Esta teoria estuda os vários níveis de consciência, que vão do mais obscuro, a sombra, até o mais alto grau de consciência, a transpessoal. Por ter seu foco na consciência e seus aspectos, é também chamada de Psicologia da Consciência (FERREIRA et al. 2005, p. 20).

Hoje, no século XXI, os conhecimentos produzidos pela Psicologia, a complexidade e capacidade de transformação do ser humano acabaram por ampliar em grande medida seu escopo de conhecimento e de atuação.

2.2 Psicologia Transpessoal

"Todos nós nascemos originais e morremos cópias."
(Jung)

2.2.1 Origem e conceitos

De acordo com Brandão (1991, p. 10) o termo “transpessoal” foi utilizado pela primeira vez por Alice A. Bailey e publicado no *Journal of Transpersonal Psychology*, em 1968, que definiu a psicologia transpessoal como

[...] uma pesquisa teórica e aplicada, ensaios empíricos, artigos e estudos sobre o processo transpessoal, valores e condições, consciência unitiva, metanecessidades, experiências máximas, êxtase, experiência mística, existência, essência, beatitude, admiração, espanto, self, as teorias e práticas de meditação, realização e efetivação transpessoal.

A psicologia transpessoal é considerada a quarta força da psicologia Maslow, seu idealizador, acredita que vivenciar o aspecto transcendente é crucial na vida dos indivíduos.

Pensar de forma holística, transcendendo dualidades como certo, errado, bem ou mal, passado, presente e futuro é fundamental. Maslow declara que sem o transcendente ficaríamos doentes, violentos e niilistas, vazios de esperança e apáticos. Na segunda edição do livro "Introdução a Psicologia do Ser" Maslow anuncia o



Figura 07– Santa Cecília
Fonte: Fer (2004)

aparecimento da quarta força em psicologia - para além dos interesses personalizados, mais elevada e centrada no cosmo. Em 1968, ele conclui considerando a Psicologia Humanista como a Psicologia da Terceira Força, transitória, uma preparação para uma Quarta psicologia ainda "mais forte", transpessoal, transumana, centrada no cosmos e não em necessidades e nos interesses humanos, que vai além da condição humana, da identidade, da auto-realização. Vitor Frankl, Stanislav Grof, James Fadiman e Antony Sutich unem-se a Maslow e oficializam, em 1968, a Psicologia Transpessoal, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psiqué.

Vaughan e Walsh (1980, p. 23 apud BRANDÃO 1991, p. 19), acrescentam ainda, que a Psicologia Transpessoal está interessada em expandir o campo da pesquisa psicológica, incluindo o estudo da saúde e bem-estar psicológico mais favorável. Ela reconhece o potencial para uma ampla variedade de estados de consciência nos quais a identidade pode se expandir para além dos limites usuais do ego e da personalidade. Assim, a Psicologia Transpessoal estabelece uma ligação com a parapsicologia, pois em ambos os casos as experiências estão frequentemente associadas a padrões de acontecimentos no mundo exterior de uma maneira que não pode ser explicada na função de casualidade linear.

Outro conceito de psicologia transpessoal é

[...] o estudo e aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à unidade fundamental do ser. A visão de mundo, na transpessoal, é a de um todo integrado, em harmonia, onde tudo é energia, formando uma rede de inter-relações de todos os sistemas existentes no universo (OLIVEIRA, 2004, p. 20).

A psicologia transpessoal é uma ciência holística que estuda o ser humano em sua totalidade, abrangendo outros enfoques científicos, tais como: medicina,

antropologia, sociologia, física, química, biologia e metafísica. Tem como objeto de estudo os estados de consciência que transcendem a pessoa e o conceito de ego.

Portanto, a psicologia transpessoal surgiu em resposta ao fato de que os principais modelos precedentes, as três primeiras forças da psicologia ocidental, eram limitados no reconhecimento dos níveis superiores de desenvolvimento psicológico.

A perspectiva psicanalítica impossibilitou de fato a consideração ou detecção de qualquer comportamento orientado para a saúde ou por ela motivado, a não ser quando representasse uma defesa ou, na melhor das hipóteses, um compromisso com forças destrutivas básicas. As obras da



Figura 08 – O caminho

Fonte: Fer (2008)

psicanálise contêm inúmeras referências à neurose e nenhuma à saúde. Portanto, alega-se que os modelos comportamentalista e psicanalítico, embora tivessem dado grandes contribuições, também produziram certas limitações para a psicologia e para os conceitos de natureza humana.

A Psicologia Humanista surgiu para atender a essas preocupações, tomando como foco principal as áreas do especificamente humano, em particular os aspectos associados à saúde em detrimento à patologia.

Os modelos humanistas reconheceram o impulso de auto-realização, tendo explorado maneiras pelas quais isso pudesse ser promovido em indivíduos, em grupos e em organizações. Daí surgiu o chamado movimento do potencial humano, com o seu interesse em realizar os potenciais recém-descobertos de

desenvolvimento e de bem-estar. Muitas idéias humanistas foram incorporadas à parcela em evolução de uma significativa contracultura, alcançando uma ponderável aceitação popular.

Contudo, o próprio modelo humanista começou a demonstrar falhas e até o conceito de auto-realização mostrou-se incapaz de abarcar os limites mais amplos, recém-reconhecidos da experiência.

Assim, o modelo transpessoal incorporou áreas que vão além das concepções comuns do comportamentalismo, da psicanálise e da psicologia humanista.

2.2.2 Fundamentos da psicologia transpessoal

*"Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é a sombra do outro."
(Jung)*



Figura 09– Joana de Ângelis
Fonte: Fer (2007)

A psicologia transpessoal é uma ciência holística que busca transcender os aspectos pessoais do ser, elevando-o a uma condição totalmente espiritual. Está baseada na física moderna subatômica, cujo modelo quantum-relativístico busca apresentar um ponto de vista integrado da teoria de quantum e relatividade, onde o Universo todo (matéria/energia) é uma entidade dinâmica em constante mudança num todo indivisível.

De acordo com Saldanha (1999, p. 39), a psicologia transpessoal divide-se em dois aspectos básicos: estrutural e dinâmico.

- *Aspectos Estruturais*

O aspecto estrutural é constituído por cinco elementos que formam o corpo teórico: conceito de unidade, conceito de vida, conceito de ego, estudos de consciência e cartografia da consciência.

a) Conceito de unidade – é o eixo de onde partem ou para onde convergem todos os recursos psicoterapêuticos na abordagem transpessoal. Unidade é a propriedade do que não pode ser dividido. A unidade cósmica refere-se ao fim da dualidade, das polaridades, sendo assim, o todo, o absoluto, a plena luz, inexistindo tempo e espaço. O todo contém as partes e as partes contêm o todo.

Quando o homem ignora que faz parte da unidade, se apega aos objetos de prazer: tem medo de perdê-los, se os possui; medo de não vir a tê-los ou medo de não reaver, se os perdeu. Em relação aos objetos e pessoas que não lhe causem prazer, a possibilidade de encontrá-los causa repulsa, ansiedade e medo.

Portanto, a vivência da unidade traz sentimentos de paz, confiança e entrega, resultando em desapego, serenidade e harmonia. A não-identificação com sentimentos, situações ou atitudes circunstanciais possibilita uma percepção mais ampla e adequada da realidade.

b) Conceito de vida – o conceito de vida na psicologia transpessoal é que ela faz parte da dimensão atemporal. Tudo é vida, energia, formas diversas de existência, a vida é considerada uma seqüência evolutiva: onde nascer, morrer e renascer fazem parte de um mesmo processo. Segundo a psicologia transpessoal: a vida começa antes do nascimento e continua depois da morte física; a vida mental e espiritual formam um sistema suscetível de se desligar do corpo físico; a vida individual é inteiramente integrada e forma um todo com a vida cósmica; a evolução obtida durante a existência individual continua depois da morte física.

A consciência é energia, que é vida, no sentido mais amplo: não apenas a vida biológica, física, mas também a da natureza do espírito, a vida-energia infinita nas suas mais diferentes expressões.

c) Conceito de ego – o ego é conceituado como um constructo mental, ilusório, que tem a tendência de solidificar a energia mental numa barreira que separa o espaço em duas partes: eu e o outro.

O eu é uma consciência em evolução que pode se manifestar além dos elementos circunstanciais, biopsíquicos e sociais que caracterizam a personalidade, integrando níveis evolutivos superiores, elementos perenes, espirituais, universais e cósmicos, os quais constituem a individualidade, que é o ser essencial, integral.

Eu e o outro somos diferentes, mas somos iguais porque ambos fazemos parte do mesmo todo.



Figura 10– O encontro

Fonte: Fer (2004)

O desenvolvimento do ego e seu produto, a auto-imagem, se dão em cinco etapas: *dualidade* – estado mental que antecede a criação do ego, é um espaço amplo, livre, luminoso, que está ligado à uma inteligência primordial; *sensação* – a dualidade cria a possibilidade de projetar no outro a sensação de que ele nos é agradável ou não; *reações impulsivas* – corresponde ao apego, ao que é agradável, repulsa ao desagradável e neutralidade ao indiferente; *conceito de intelecto* – o ego necessita do intelecto para oficializar sua situação, dando nomes, classificando, rotulando, colocando estigmas rígidos e inflexíveis, como: certo, errado, bom, mau e assim sucessivamente, estabelecendo rótulos como: eu não gosto, ou gosto, eu sei...; *mente consciente* – serve para manter um mecanismo ativo e eficaz do ego, assim, é caracterizada pelas emoções, pensamentos discursivos que desordenadamente alimentam o ego justificando suas percepções institivas, gerando reações egóicas.

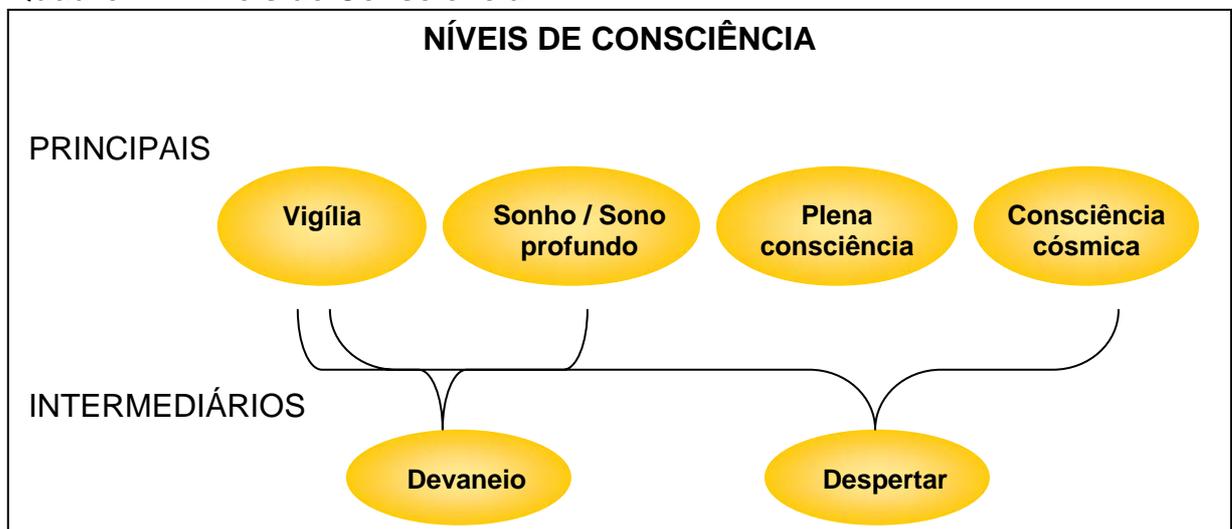
Além dessas cinco etapas, existe também a auto-imagem: onde ocorre a maciça identificação do ego com uma emoção que se estrutura, solidificando a auto-imagem, que começa a agir simultaneamente, como uma entidade separada do ego. Ao mesmo tempo em que a auto-imagem se alimenta da energia provinda do ego, o ego vai também se impregnando da auto-imagem.

d) Estados de consciência – os diversos estados ou níveis de consciência nos permitem caminhar nas diferentes dimensões de consciência.

De acordo com Grof (1968, p. 23 apud SÉRIO, 2005, p. 30)

Consciência é a expressão e reflexo de uma inteligência cósmica que permeia todo Universo e toda existência. Somos campos ilimitados de consciência transcendendo tempo, espaço, matéria e casualidade linear. Estados não-comuns de consciência são manifestações da psique humana.

Quadro 1 – Níveis de Consciência



Fonte: Elaboração própria (2008).

No *estado de consciência de vigília* as funções do ego predominam, ocorrendo a separação nítida entre o eu e o mundo exterior, é quando nos encontramos acordados, trabalhando, planejando etc.

O *estado de consciência de devaneio* pode ser alcançado através do relaxamento. Nesse estado podem surgir imagens e idéias desconexas ou criativas, como literárias, artísticas, científicas e administrativas.

De acordo com Freud o *estado de consciência de sonho* significa todo o conteúdo manifesto (imagens, sensações físicas ou sentimentos), trazido ao consciente pelo sonhador. A psicologia transpessoal utiliza-se dos sonhos para encomendar ou modificar sonhos; livrar-se de pesadelos, através de técnicas de incubação, a do sonho lúcido, a da reconstrução onírica, a do grafismo e da ampliação de sonhos e também para vivenciar experiências extracorpóreas.

O *estado de consciência de sono profundo* refere-se à inconsciência total, onde um véu separa o indivíduo do mundo externo. Recentes pesquisas informam que há um nível de superconsciência durante esse estado onde o ego desaparece totalmente e a consciência retorna a ela própria, à sua fonte e o indivíduo é assim revitalizado.

O *estado de consciência de despertar* situa-se entre a consciência individual e a consciência cósmica, é a saída do torpor, do estado de automatismo, onde o indivíduo desenvolve gradualmente um nível de reflexão, consciência e percepção mais ampla de sua própria existência.

O *estado de consciência cósmica ou plena consciência* é caracterizado pela vivência de uma luz radiante que impregna o espaço, experiência energética de iluminação interior, vivência da vacuidade plena, de amor indescritível, sentimento de viver a realidade como ela é, desaparecimento do medo da morte, vivência da eternidade, descoberta do verdadeiro sentido da vida e sentido do sagrado. É acompanhado também pelo fim do sofrimento psicológico, despertar da verdadeira sabedoria, indissociável do amor. Este estado de consciência também pode ser

chamado de *samadhi*, *satori*, nirvana, sétimo céu, sexta morada, experiência de cume, experiência transcendental, experiência oceânica, experiência transpessoal.

e) Cartografias da consciência – caracteriza-se pelo mapeamento das regiões do inconsciente, viabilizando uma compreensão maior da estrutura dinâmica. Cada estado de consciência acessa diferentes conteúdos, tornando possível entender o que acontece nas dimensões mentais.

Existem três dimensões mentais distintas: a primeira refere-se a conteúdos autobiográficos, desde o nascimento até o momento atual da existência do indivíduo; a segunda, à conteúdos que transcendem os dados biográficos, abrangendo as vivências intra-uterinas, inclusive o nascimento e o terceiro nível antecede o nível intra-uterino e reflete diferentes e amplos aspectos da consciência.

- *Aspectos Dinâmicos*

Conforme Ferreira (2005, p. 40), o aspecto dinâmico é formado por dois elementos: o eixo experiencial e o eixo evolutivo.

a) O eixo experiencial ocorre com o processo catártico, com intensa emoção. Há um mergulhar na experiência. Um identificar-se. Ser a própria experiência. Para o melhor entendimento Jung definiu quatro funções psíquicas: razão, emoção, intuição e sensação. Com base em sua teoria, há a validação científica que pode aferir esses elementos na personalidade, sua intensidade, tendências e aptidões correlacionadas a cada uma delas. De acordo com Jung, para que o indivíduo alcance seu desenvolvimento pleno tem que passar por um processo de individualização onde desenvolve igualmente e de forma convergente todas essas funções.

Na psicologia transpessoal busca-se a expressão e a atualização desses quatro elementos na experiência do indivíduo. A vivência dessas funções na psicoterapia dá a esse processo transpessoal um caráter experiencial. O experienciar

é uma das características básicas nesse enfoque, além do trabalho com os níveis do inconsciente superior.

Além da descrição racional, lógica e temporal do fato, estimula-se o sensorial – cor, sentir, dar forma - o emocional – exacerbando e, identificando sentimentos através dos diálogos, localizando no corpo as emoções e colocando palavras -, bem como a intuição, trazendo a origem, a retrospectiva do passado, a perspectiva do futuro e os insights, que ampliam a percepção da realidade.

b) Eixo evolutivo – ao ampliar a percepção da realidade, cria-se na pessoa um vácuo, um espaço interior receptivo que possibilita a emergência do segundo elemento, ou o segundo eixo dessa abordagem – o eixo evolutivo.

Assim, de acordo com Ferreira (2005, p. 41), o eixo evolutivo representa um nível supra-racional, englobando aspectos não só cognitivos, mas também intuitivos.

Manifesta-se no indivíduo através da ordem mental superior, ou “eu superior” que amplia a percepção para níveis mais diferenciados, sutis, além do nível pessoal. Surgem respostas novas e adequadas às situações inesperadas ou ocorre uma resposta satisfatória à situação antiga que era de conflito e de temor.

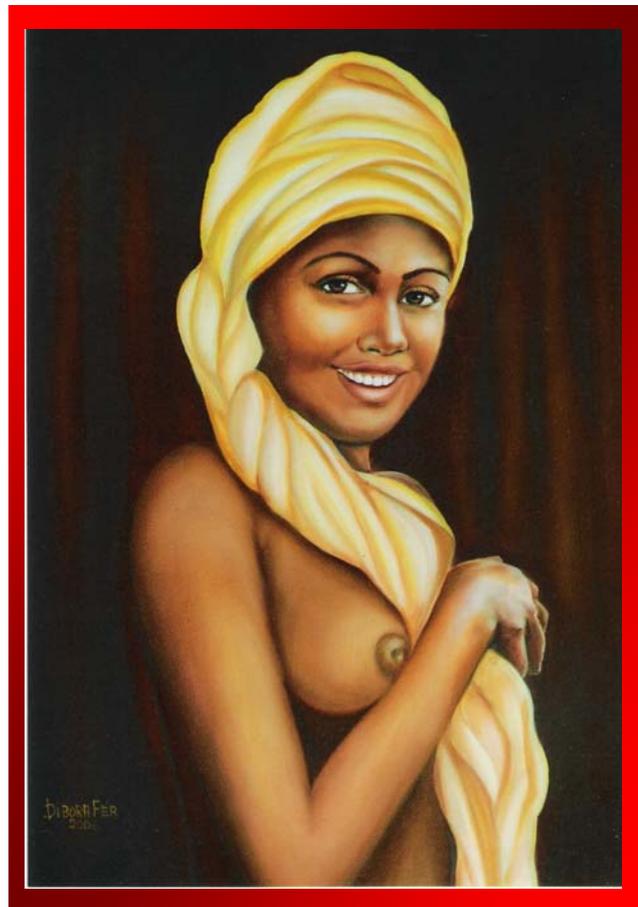


Figura 11– Docilidade
Fonte: Fer (2004)

2.2.3 Jung – O sábio da alma humana

Não posso lhe dizer como é um homem que goza de uma completa auto-realização, nunca vi nenhum... antes de buscar a perfeição, devemos viver o homem comum, sem mutilação.

(Jung)

O maior pesquisador da Psicologia Transpessoal, Carl Gustav Jung (1875/1961), filho de uma classe média pobre da Suíça, formou-se em médico psiquiatra, pois era um apaixonado pelos diversos conhecimentos estudando áreas como filosofia, ciências naturais, arqueologia, mitologia e história. Seria o sucessor de Freud se não tivesse discordado de algumas idéias de seu mestre, principalmente sobre a questão da libido (SALDANHA, 1999, p. 52).



Figura 12– Jesus e o peregrino

Fonte: Fer (2006)

Nos primórdios de sua relação com Freud, Jung permaneceu receptivo à teoria da sexualidade infantil. Todavia, não conseguiu encontrar, nos fundamentos da psicologia freudiana, elementos que dessem conta dos fenômenos com os quais se defrontava no tratamento de psicóticos, principalmente esquizofrênicos. Nesses pacientes, a doença decorria de grave dissociação da mente, não apresentando traços de uma etiologia sexual.

Assim, Jung desenvolveu estudos de alquimia, mitos e lendas na busca de elementos que contribuíssem para a elucidação das questões levantadas pela clínica da psicose. Outras perspectivas de análise foram elaboradas por ele, tais como a abordagem simbólica e a hermenêutica (Op. cit.).

Portanto, são fundados os pilares em cima dos quais Jung afirma que essa estrutura, enquanto forma, seria um componente da psique, presente em todos os indivíduos desde o nascimento, chegando então à sua hipótese mais refinada - a da existência de um substrato desconhecido na mente humana, responsável pelo lado obscuro da psique, que ele denominou de *inconsciente coletivo* que configura a dimensão objetiva da psique e contém o aprendizado resultante da experiência humana em todos os tempos, herdado pelo indivíduo como disposições ou virtualidades psíquicas (TASSARA, 1996, p. 21).

O inconsciente coletivo, dotado de propósito ou intencionalidade, cuja força energética repousa em elementos primordiais ou arcaicos denominados arquétipos, é determinante dos fatos psíquicos. Jung considera que a psique coletiva, no seu choque com o ambiente externo e suas exigências gera o inconsciente pessoal, e não as vicissitudes da pulsão como postula a teoria freudiana.

Na procura de respostas fora do quadro teórico da ciência moderna, Jung contrapõe-se ao modelo científico dominante (a teoria freudiana) buscando sustentação teórica na perspectiva finalista, e desse modo, expõe-se à crítica da

comunidade científica, diante da qual tem o seu status de pesquisador questionado, sendo-lhe atribuída atitude mística na condução dos estudos psicológicos.

Conforme Tassara (1999, p. 21), com uma postura empirista, Jung utiliza-se de uma abordagem fenomenológica do fato psíquico, com sustentação no método hermenêutico. A hermenêutica é a ciência da compreensão e da interpretação que constituem a especificidade das ciências do espírito.

Como a dimensão inconsciente da psique é inacessível a um exame direto, o modo possível de investigação da realidade psíquica estaria fundado no exame e na interpretação dos seus produtos.

O racionalismo de Jung não é de ordem cartesiana, mas sustenta-se na estrutura interpretativa, com metodologia fenomenológica. Em suas obras, encontram-se referências à oposição da interpretação metafísica ou sobrenatural da realidade psíquica, argumentando que o dado empírico ou fenomenológico é o único que conta e que pode ser examinado pelo estudioso da psicologia humana.

Para Jung a ciência é projeção psíquica dos cientistas e os modelos teóricos, aproximações e não retratos fiéis da realidade. Logo, o conhecimento científico está mais perto de uma metáfora por meio da qual o mundo é interpretado que de um conjunto de dados articulados enunciadores de uma verdade confirmada. Para ele, cada teoria, como criação da mente, está subordinada à interioridade do cientista que a formulou cuja realidade psíquica é projetada no mundo exterior na forma de teoria científica. Jung via a ciência como um mito destinado a explicar o universo cuja natureza íntima, para ele, permaneceria para sempre incognoscível. Essa visão é um dos pilares em que se assenta o quadro epistemológico do modelo científico emergente (SALDANHA, 1999, p. 54).

Jung também explorava bastante os arquétipos, padrões universais que existem na psique de todos os seres humanos. Para Jung são imagens primordiais

peculiares à espécie, porque eles são as estruturas psíquicas que organizam o pensamento humano: amor, sexo, mãe, pai, guerra, criação, prazer, morte, o princípio masculino e feminino, etc.

Segundo Jung (apud BELLO 2007, p. 33), a busca da verdade é um tema arquetípico que pode ser encontrado nos mitos de muitas culturas através do tempo. O molde ou matriz do arquétipo permanece constante e universal. No entanto, os modos específicos em que o arquétipo se manifesta variam de acordo com as gerações, de cultura para cultura e de pessoa para pessoa.

2.3 A História da Arte

*A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.
(Gandhi)*

A palavra Arte tem sua origem no latim *ars* que significa técnica ou habilidade. Arte é o produto ou o processo de toda atividade humana para realizar determinadas habilidades.



Figura 13 – Monalisa, pintura de Leonardo Da Vinci (1503-1507)

A arte existe desde que há indícios do ser humano na Terra. Ao longo do tempo, a função da arte tem sido vista como um meio de espelhar nosso mundo, para decorar o dia-a-dia e para explicar e descrever a história e os diversos *eus* que existem dentro de um só ser e para ajudar a explorar o mundo e o próprio homem.

Entre os povos ditos primitivos, a arte, a religião e a ciência estavam juntas na figura do xamã que era artista (músico, ator, poeta, etc.), sacerdote e médico.

Na época clássica (séc. V a.C.), os gregos entendiam arte como *tekné*, da qual originou-se a palavra "técnica" nas línguas neo-latinas. Para eles, havia a arte, ou técnica, de se fazer esculturas, pinturas, livros, etc.

Platão (apud BERGAMASQUE et al., 2007, p. 33) traz uma teoria ambiental direcionada numa reflexão, não sobre arte, mas sobre o belo. Segundo ele, o belo é o bem, a verdade, a perfeição: existe em si mesma apartada do mundo sensível, residindo, portanto, no mundo das idéias, existindo assim uma concepção do belo que se afasta da interferência e da participação do juízo humano.

Aristóteles acredita que o belo é inerente ao homem e que está diretamente ligado a critérios, tais como, simetria e ordenação, tudo em sua justa medida. Conforme suas teorias a arte é uma criação particularmente humana, não pode estar dissociada daquilo que é sensível ao homem.

Kant traz uma visão ligada à fruição relacionada a outras capacidades cognitivas do ser humano sem depender, necessariamente, da aquisição de conhecimento. Na percepção do objeto ele vê na experiência do belo a realização das capacidades mais elevadas do ser humano.

Hegel via no belo um ser espiritual, sem existência material e sim subjetiva, inerente à atividade espiritual de cada indivíduo.



Figura 14 – David, Escultura de Michelangelo (1501-1504)

Na atualidade, pode-se denominar arte como a atividade artística ou o produto da atividade artística.

Conforme Read (2001 apud BERGAMASQUE, 2007, p. 36), o conceito de “arte” é um dos conceitos mais indefiníveis da história do pensamento humano. Ou seja, a arte é tratada como um conceito metafísico, embora seja fundamentalmente um fenômeno orgânico e mensurável. A arte está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento e das ações corpóreas.

O sentimento de beleza como fenômeno muito flutuante, apresenta-se no curso da história como uma manifestação muito incerta e, por vezes, muito desconcertante. A arte deve compreender essas manifestações, e os olhares devem, por certo, admitir essa “beleza” sobre todas as manifestações genuínas desse sentimento em outras pessoas, em outros períodos.

O artista faz arte segundo seus sentimentos, suas vontades, seu conhecimento, suas idéias, sua criatividade e sua imaginação, o que deixa claro que cada obra de arte é uma forma de interpretação da vida.

O apelo artístico não é uma percepção consciente e sim apreensão intuitiva e que está profundamente envolvido no real processo da percepção do pensamento

e das ações corpóreas. A obra de arte não está presente em pensamento, e sim em sentimento.

A inspiração ou insight é o estado de consciência que o artista atinge, no qual a percepção, a razão e emoção encontram-se combinados para realizar suas melhores obras.

Arte é um fenômeno cultural, onde regras absolutas não sobrevivem ao tempo, mas em cada época, diferentes grupos (ou cada indivíduo) escolhem como devem compreender esse fenômeno. Formas artísticas podem extrapolar a realidade, exagerar coisas aceitas ou simplesmente criar novas formas de se observar a realidade.

Para Read (2001 apud BERGAMASQUE, 2007, p. 37), a arte é obra do tempo. É uma impressão não puramente artística, mas também histórica, religiosa ou atmosférica e sob esse aspecto não se deve atribuir ao poder do artista. Isolada, a arte, ficar-se-á reduzida aos elementos da forma e cor.

“[...] a possibilidade de ser como certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”, é a definição do conceito de arte de Coli (2004 apud BERGAMASQUE, 2007, p. 37).

É fato psicológico que o artista sempre foi o instrumento e o intérprete do espírito de sua época. Em termos de psicologia pessoal, sua obra só pode ser parcialmente compreendida. Consciente ou inconscientemente, o artista dá forma à natureza e aos valores da sua época que, por sua vez, são responsáveis pela sua formação (JUNG, 1964, p. 250).

A verdadeira essência da arte é a do artista poder transformar a realidade de acordo com seus ideais e pensamentos.



Figura 15 – Nona Sinfonia de Bethoven (1824)

A arte pode trazer indícios sobre a vida, a história e os costumes de um povo, inclusive dos povos e nações já extintos. Assim, se conhecem várias civilizações por meio de sua arte, como a egípcia, grega antiga e muitas outras.

A Arte como entendida atualmente, diferentemente dos conceitos anteriores definidos pelos gregos, não possui utilidade, no sentido pragmatista e imediatista de servir para um fim além dele mesmo. Ou seja, um quadro não "serve" para outra coisa, como um desenho técnico, como uma planta de engenharia, por exemplo, serve para que se construa uma máquina.

Contudo, a arte possui a função transcendente, ou seja, manchas de tinta sobre uma tela, palavras escritas sobre um papel, uma peça de teatro, um espetáculo de dança simbolizam estados de consciência humana, abrangendo percepção, emoção e razão.

A arte também é usada por terapeutas, psicoterapeutas e psicólogos clínicos como terapia, a exemplos temos Carl Jung, Nise da Silveira dentre outros.

A interpretação da obra depende do observador. Portanto, inversamente à própria subjetividade, a arte demonstra sua importância no sentido de facilitar a troca

e discussão de idéias rivais, ou para prestar um contexto social em que diferentes grupos de pessoas possam reunir-se para um objetivo comum.

A arte tende a facilitar a compreensão intuitiva, em vez de racional, e normalmente é, conscientemente, criada com esta intenção. As obras de arte são imperceptíveis, escapam de classificação, porque elas podem ser apreciadas por mais de uma interpretação.

Alguns pesquisadores defendem a idéia de que para se fazer uma arte que tenha como resultado uma obra de qualidade, é preciso uma especialização do artista, para ele alcançar um nível de conhecimento sobre a demonstração da capacidade técnica ou de uma originalidade na abordagem estilística, a exemplo das peças de Shakespeare, onde personagens como Hamlet, foram construídos em cima de uma profunda análise psicológica.

Para o artista, a obra de arte é a culminação de um desenvolvimento consciente e inconsciente, o resultado de anos de observação e estudo das técnicas artísticas bem como a experiência pessoal da qual ele pode ou não estar consciente, junto com as características psíquicas inatas do próprio artista e sua conexão absoluta com o inconsciente coletivo (FURTH, 2004, p. 46).

Assim, a obra de arte não fala apenas à psique individual, mas também de maneiras inconscientes profundas à psique coletiva.

O artista não domina o ímpeto da inspiração que dele se apodera. Obedece e executa, sentindo que sua obra é maior que ele e, por esse motivo, possui uma força que lhe é impossível comandar (SILVEIRA, 2006, p. 139).



Figura 16 - Cirque du Soleil, espetáculo circense (2004)

2.4 A Arte como Terapia

Pode-se dar forma ao material simbólico utilizando-se as mais diversas técnicas expressivas: visualizando imagens, escutando palavras interiores ou a própria voz, escrevendo (escrita automática dos surrealistas (...)) ou expressando-se plasticamente, mediante desenho, argila, movimento, dança. O material que emerge pela formulação criativa costuma ser acompanhado por imagens, cores e percepções ligadas a todos os sentidos, além de fantasias, memórias e emoções. Não há limites nem garantias. As imagens visuais e as vozes internas movem-se repentinamente de uma coisa à outra. Muitas vezes o material provém não do nível pessoal, mas do arquétipo – o inconsciente coletivo. Com a utilização dessas técnicas, a fantasia inconsciente é mobilizada e se expressa. Ganha vida e forma estética. Podemos relacioná-la a fatos passados, liberar emoções. A partir daí, cabe ao ego confrontar a emoção e a imagem associada, relacionando-as a seu momento existencial e a seu processo psicológico (Grinberg, 1997, p.195 apud BERNARDO, 2006, p. 11).

A arte como terapia é um processo dinâmico, espontâneo e criativo onde ao representar simbolicamente os sentimentos e emoções através da arte, os indivíduos aprendem a se conhecer. A arte utilizada como terapia convida as crenças e valores a uma reelaboração - cada vez que surgem expressões pela

argila, desenho, pintura, colagem, poesia, música, dança, dramatização, etc., vislumbrando possibilidades mais criativas e satisfatórias, mais saudáveis e coerentes com a sabedoria interior.

A arte é uma expressão milenar da Humanidade e historicamente, ela tem sido um canal para expressar a emoção e a alma. Desde o final do século XIX, psiquiatras estão interessados nas produções plásticas de seus pacientes, e passaram a estudá-las. Entre eles podemos citar Mohr (1906), Simon (1876 e 1888) depois, principalmente, Prinzhorn (1922). Outras referências são Florence Cane e Margareth Naumburg nos Estados Unidos, Adrian Hill na Inglaterra, e Nise da Silveira no Brasil.

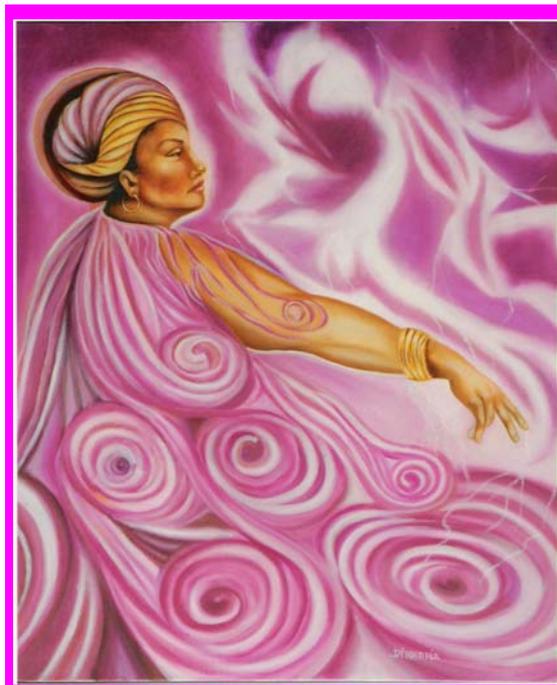


Figura 17– Oya
Fonte: Fer (2004)

Na década de 80, com o fim da ditadura e a reconquista da liberdade de expressão e criação, houve um desenvolvimento significativo das chamadas “Terapias Expressivas”, fazendo brotar as primeiras sementes da arte como terapia através dos primeiros núcleos de trabalho, onde se começou a estudar e aplicar a arte em contextos terapêuticos.

Na arte como terapia, o exercício da criatividade e da imaginação retira as pessoas da rotina, de hábitos repetitivos, de crenças negativas diante das dificuldades e do medo de situações novas. Ela propicia o 'insight', a 'intuição', ampliando a capacidade de criar soluções. Ao romper os bloqueios emocionais que impedem os indivíduos de ser autênticos, recupera-se o contato com a essência interior e a alegria de viver.

A possibilidade de livre expressão de cada indivíduo, objetivando a recuperação de sua capacidade criativa é o principal a ser valorizado num processo de arte como terapia, sendo de pouca importância a estética de suas produções. O processo de criação é freqüentemente mais rico e valioso do que a própria obra.

O processo expressivo na arte permite o acesso a conteúdos simbólicos do inconsciente, através de uma via não-lógica, concretizando esses símbolos e possibilitando a tomada de consciência de seus significados e funções. Permite haver o distanciamento entre a pessoa e a sua criação (obra), incentivando a auto-observação e compreensão dos seus possíveis significados, junto ao terapeuta e ao grupo.

Conforme Furth (2004, p. 45), diferenciando as figuras do inconsciente das obras feitas pelos grandes artistas do mundo, tem-se a seguinte conclusão: as figuras do inconsciente representam um material primitivo, bruto, tirado de maneira direta do inconsciente, pouco desenvolvido, mas ainda assim, cheio de conteúdos inconscientes ligados aos complexos individuais. Os artistas no processo de criação de suas obras, usam o seu poder criativo, tanto consciente quanto inconsciente, e seu mundo de opostos, de uma maneira total, de forma a produzirem obras de arte.

Tanto o artista quanto o paciente, desenhando figuras do inconsciente, podem estar sendo movidos por uma necessidade interna. Os artistas precisam pintar, parecendo incapazes de parar de criar. A situação não é diferente com todos

os outros indivíduos; poucos conseguem conter-se de fazer alguns rabiscos em um papel durante uma reunião, ou quando estão em uma longa ligação telefônica... (FURTH, 2004, p. 46).

A situação psíquica que está buscando expressão na arte moderna divide-se em dois aspectos: um em direção do objeto puro (matéria) e outro em direção da abstração pura (espírito) que indicam uma cisão psicológica coletiva que criou sua expressão simbólica nos anos que antecederam a Primeira Grande Guerra Mundial. Assim, a civilização distanciava o homem cada vez mais para longe dos seus fundamentos instintivos abrindo-se um abismo entre a natureza e a mente, entre o inconsciente e o consciente (JUNG, 1964, p. 252).

2.4.1 A obra de arte e o artista segundo Jung



Figura 18– Tigre

Fonte: Fer (2007)

*“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro acorda.”
(Jung)*

A Psicologia Analítica preocupa-se com a pesquisa concernente aos processos da atividade criadora e ao estudo do psicológico da estrutura da produção artística. Sua contribuição maior é a decifração das imagens simbólicas que tomam forma na obra de arte, esclarecendo sobre as significações que encerram e que

excedem as possibilidades comuns de compreensão da época (SILVEIRA, 2006, p. 137).

Com Jung, a arte se vincula aos postulados de sua Psicologia Analítica, por considerar suas configurações portadoras de conteúdos simbólicos, originários do inconsciente como receptáculo e matriz dos mesmos, capazes de serem submetidos à investigação psicológica, e por permitir o questionamento acerca do sentido dado a obra.



Figura 19– Rosa
Fonte: Fer (2004)

A criação, para Jung, possibilita uma reorganização criativa, onde novos caminhos, como a linguagem e o sentido de orientação dela desprendido, dão espaço para desenvolver experiências em que a sensibilidade pode unir-se a racionalidade, originando novos cenários possíveis à vida humana.

Na perspectiva da análise psicológica, Jung distingue dois processos diferentes na criação de obras literárias: o processo psicológico e o visionário.

As obras resultantes do processo psicológico são compreendidas por seus leitores sem maiores dificuldades. Os temas em que se baseiam são bastante conhecidos (paixões, os sofrimentos do homem, seus feitos, as tragédias de seu destino, as jornadas heróicas). Pertencem a esse tipo o romance de amor, o romance social, a poesia lírica, a poesia épica, comédias e tragédias. O romancista ou o poeta toma seus temas nas experiências vividas no curso da vida humana e, elevando-os ao plano da expressão artística, universalizando-os. Por intermédio dessas obras o leitor ganha a possibilidade de penetrar mais profundamente na

alma humana, de tomar consciência de sentimentos e tendências obscuras que aí se movem (Op. cit.).

No caso da obra psicológica,

[...] o autor submete seu assunto a um tratamento cuja orientação foi intencionalmente determinada; ele acrescenta ou subtrai coisas; sublinha este efeito, atenua aquele, põe aqui uma cor, ali outra, pensando com o maior cuidado os resultados possíveis, observando constantemente as leis da beleza de formas e o estilo. O autor utiliza nesse trabalho seu mais agudo raciocínio e escolhe sua expressão com a mais completa liberdade. A matéria que ele trata está submetida a sua intenção artística; ele quer representar isto e não qualquer outra coisa (JUNG apud SILVEIRA, 2006, p. 138).

As obras de arte visionárias causam perturbadora impressão de estranheza. Não são as vicissitudes por que passam seres conhecidos que aqui nos inquietam. O que ocorre é que esses seres são misteriosos e existem numa atmosfera ainda mais misteriosa. Nas obras de arte desse tipo, a experiência vivida ou o objeto que constituem o tema da elaboração artística nada tem que nos seja familiar. Sua essência nos é estranha e parece porvir de distantes planos da natureza, das profundezas de outras eras ou de mundos de sombra ou de luz existentes para além do humano. Esse tema é uma experiência primordial que excede a compreensão e face à qual o homem sente-se petrificado pela sua singularidade e sua frieza ou, ao contrário, pelo seu aspecto significativo e solene que parecem, tanto num quanto noutro caso, surgir do fundo das idades (Op. cit.).



Figura 20– Casario
Fonte: Fer (2007)

Muitas idéias oriundas de planos profundos do inconsciente insinuam-se despercebidas em meio às coisas cotidianas, trazendo de súbito a um poema ou a uma página de romance um toque singular de vibrações.

Em relação às artes plásticas, considerada por Jung como a arte dos sentidos, inspira-se na natureza exterior, no mundo em que nos rodeia. A arte da imaginação exprime fantasias, experiências internas do artista, que as apresenta de maneira irrealista, onírica e abstrata. Jung compara a obra de arte à criança que se desenvolve no seio materno (SILVEIRA, 2006, p. 138).

Os conflitos pessoais do artista, sua problemática emocional, não são decisivos para o conhecimento de sua obra. A autêntica obra de arte é uma produção impessoal. O artista é um homem coletivo que exprime a alma inconsciente e ativa da humanidade.

Para Jung (apud SILVEIRA, 2006, p. 142), no ato criador, o artista mergulha até as profundezas imersas do inconsciente. Ele dá forma e traduz na linguagem de seu tempo as intuições primordiais e, assim fazendo, torna acessíveis a todos as fontes profundas da vida. Segundo Jung a obra de arte é uma produção superpessoal.

O processo criador, na medida em que o podemos acompanhar, consiste numa ativação inconsciente do arquétipo, no seu desenvolvimento e sua tomada de forma até a realização da obra perfeita.

Contudo, deve-se frisar que a simples emergência de imagens arquetípicas não resulta em obras de arte. Essas imagens surgem cotidianamente nos sonhos e nas fantasias de todos os seres humanos. Entretanto as obras de arte são raras. Faz-se necessário que as rudes imagens primordiais sejam elaboradas, ou melhor, transmutadas em formas que possuam certas qualidades, ditas artísticas. É preciso

que essas formas apelem para os sentidos e falem a linguagem da época (SILVEIRA, 2006, p. 138).

De acordo com Bello (2007, p.165), para exprimir o verdadeiro eu, não é necessário o domínio de técnicas e que o verdadeiro artista se expressa, não pela utilização perfeita das técnicas copiadas de outros, mas descobrindo sua própria maneira de expressão.

2.5 A Importância da Arte como Forma de Estruturação do Indivíduo

*O arco-íris é tudo que vejo
Mas o que sinto é pura vibração
Que brota dentro do meu coração
As cores que brotam
Dão muita alegria
Alegria que vem do fundo da alma
E irradia vibrações que não se acaba
Muitas cores
Todas vibrantes
Que provocam alegria e harmonia
E nos transmitem energia*

Fonte: Márcia Pozzebom

O exercício das práticas psicológicas e várias outras situações pertencentes às Ciências Sociais e Humanas são delimitadas, atualmente, por um olhar mais integrador do homem. Havendo assim, uma procura por métodos de elucidação dos fatos psíquicos, sociais, educacionais, que estejam voltados para o significado e sentido da vida humana. Nesse contexto vê-se a importância de estar sempre conectado às situações ambientais, comportamentais, comunicações ou fatos onde as interações e relações humanas estejam sempre ocorrendo.

O homem ligado ao meio possibilita um melhor entendimento e compreensão dos padrões de significação que estariam ocultos no comportamento.

Partindo dessa visão, torna-se necessária uma abordagem com ordenação mais qualitativa, onde o universo em discussão insere-se numa dimensão essencialmente simbólica, somente dessa forma pode-se apreender o homem com seus conceitos e abstrações existentes em seus conteúdos simbólicos.

A arte aparece então como ferramenta útil por ser uma manifestação cultural e subjetiva, passível de interpretação e instrumento de inserção social.

Através das expressões criativas, dinamizadas por meios plásticos e performáticos, esses conteúdos têm a possibilidade de serem explorados em suas várias dimensões.

Esse universo da arte fundamentado na materialização de imagens mentais, formadas pelas idéias ou ideais, encontra na manipulação dos materiais plásticos ou em outra linguagem artística qualquer, a possibilidade de concretização das necessidades individuais. Por possibilitar a união entre a sensação de falta do indivíduo com os recursos pessoais, isso pode viabilizar uma superação pessoal, a esse processo terapêutico pode-se dar o nome de arte-terapia.

Partindo do que se tem de mais recente em relação a esse método, a arte-terapia, pode-se iniciar uma abordagem sobre a arte como processo estruturador do indivíduo, principalmente através das atividades que têm em comum a objetivação



Figura 21– Kuan Yin

Fonte: Fer (2004)

da representação visual do domínio figurativo a partir da transformação da matéria (pintura, desenho, gravura, modelagem). Visto ser essa uma área recente, que data do pós-guerra, é preciso tomar a palavra arte no sentido que ela adquiriu na segunda metade do século, onde não é mais o ofício da criação da beleza ideal, como também não está a serviço da religião ou da exaltação da natureza.

As rupturas brutais da arte contemporânea com aquelas que a precederam interrogam nossa época sobre a própria função da arte. Tais mudanças manifestam-se através da escolha da técnica e através da ideologia estética. Para a primeira, percebe-se a abrangência de novos materiais a serem utilizados, com relação à segunda, ao aparecimento das diversas correntes estilísticas que levaram a uma grande diversificação da expressão artística. Isso tudo garantiu e inspirou as diferentes abordagens artes-terapêuticas.

Os tratamentos psicanalíticos e psicoterápicos das neuroses tiveram um grande desenvolvimento na segunda metade desse século. Devido a seu custo, à duração e, sobretudo, à demanda crescente de cuidados, outras terapias surgiram, menos onerosas e menos constrangedoras, dentre elas as diversas técnicas de mediação artística: música terapia, dança terapia e terapias através da expressão plástica. Essa última pode ser considerada como atividade secundária num processo terapêutico, os resultados sobrevêm somente das trocas verbais em torno do conteúdo da obra.

A arte aparece, dessa forma, como meio de ascender à comunicação verbal ou como a única maneira de estabelecer uma comunicação. Dessa maneira, o contato com processos artísticos, conduz o indivíduo a superar as dificuldades visto que, a “expressão pictórica poderá preencher uma função de recolocação do delírio”, o objetivo terapêutico desse processo é justamente tentar tirar o sujeito de seu delírio por intermédio da lei da matéria.

Pode-se definir, portanto, a representação plástica com um sentido mais amplo, como um processo de construção do pensamento, com bases na objetivação das representações. A criatividade artística se realiza a partir de um diálogo entre o artista e sua produção, ou seja, de uma forma particular aliada a uma matéria que pode sofrer transformações, é possível criar algo novo, sem uma finalidade ou função específica de uso. Sua função é tornar-se signo, assim dizendo, de colocar o sujeito compreensível na ordem de um código e, ao mesmo tempo, torná-lo significativo pela diferença que ele impõe a esse mesmo código, isso é pertinente, pois, toda representação tem sempre uma margem de escolha por isso pode ser pertencente a uma ordem da criatividade, o indivíduo pode, portanto, propor uma combinação particular.

Toda representação artística tem sempre um estilo específico e é sempre original, que representa alguma coisa, seu autor, uma época e/ou uma cultura. Há nas artes plásticas a possibilidade de tornar visível uma forma na qual transparece o que é a imagem de um outro. Através dessa imagem a realidade se revela mais claramente, ela se torna existente.

Existe no processo artístico um diálogo entre o autor e sua obra, inicia-se no pensamento, onde há a construção da imagem até a ação de materializar a mesma. A imagem se procura ao mesmo tempo em que se realiza no processo de elaboração. O sujeito que produz parece o mesmo que contempla. Nesse processo ele se descobre, pois há sempre alguma coisa do outro no olhar. Na representação, vê-se como um outro.

A arte é a tentativa dos seres humanos de representar sua experiência, tão vivida e apaixonadamente quanto podem, na performance, como dança, poesia, música, teatro; ou na mídia, como tinta, argila, mármore, filme, vídeo. As experiências transpessoais surgem para transcender identidades individuais e autoconceitos, enquanto que o termo “espiritual” se refere ao foco em e/ou reverência, abertura e conexão com alguma coisa de significância,

que se acredita estar além do entendimento integral e/ou existência individual (CAUQUELIN, 2005, p.36).

Historicamente, a arte tem sido um canal para expressar a emoção e a alma. A pintura é uma das mais velhas expressões de nossa espécie. A arte tinha na sua concepção um significado espiritual.

A mente, em estado alterado, pode acessar impulsos do inconsciente e esses podem manifestar-se de várias formas: pensamentos intuitivos, insights, desejos, experiências espirituais e outros. Essas manifestações podem ser materializadas em imagens simbólicas e outras formas criativas.



Figura 22– Estudo de cores

Fonte: Fer (2008)

Os símbolos podem ser uma força orientadora, indicam uma possibilidade adormecida no inconsciente. Em muitos casos sinalizam uma direção que a psique precisa seguir para chegar à auto-realização. Pode-se dizer que é uma energia que vem de níveis mais profundos da mente criando um eixo entre o self e o ego. A pintura catalisa um processo ainda latente na psique e quanto mais energia psíquica estiver contida nos símbolos advindos desse processo, maior será seu efeito na

consciência. No ato de pintar, a pessoa está chamando sua energia para se expressar e transformar sua vida.

Os arte-educadores podem ajudar as pessoas a serem receptivas e a se renderem a essa energia simbólica, para que, a mesma, possa gradualmente, revelar essa essência.

O artista como ser de vanguarda e sensível pode dar uma contribuição muito importante para as necessidades coletivas da nossa civilização, pois essa percepção permite uma prévia do que deverá acontecer no inconsciente coletivo da sociedade.

A arte seria por sua identidade como agente de criatividade, elemento propiciador subordinado à vontade egóica, dotando-a de liberdade de ação frente aos impulsos sexuais ou agressivos. A pulsão, como impulso originado no inconsciente, vê-se sublimada na medida em que é desviada, como na atividade artística, para uma nova meta, cujo objetivo é socialmente aceito libertando o ego de sua pesada carga conflituosa, frente à necessidade de mediar às demandas do inconsciente, com as regras impostas pela cultura. A arte, dessa forma é percebida como sendo a manifestação de um mero sintoma e não um ato genuíno de criatividade.

Percebe-se, a partir de todos esses pontos apresentados, que a arte, no contexto atual, deixou de ser algo apenas para apreciação, foram inseridas, entre as suas várias outras funções, ferramentas de acesso ao inconsciente do indivíduo, elementos e processos de elaboração e estruturação da personalidade, materialização simbólica dos conteúdos da psique entre outras. Isso devido a todas as descobertas na área de psicologia, psiquiatria e neurociência, assim como, também, a inserção da arte em outros meios de acesso ao cotidiano do indivíduo como a televisão, cinema, educação, mídia.

Com todos esses estudos e elaborações em relação ao objeto artístico produzido pelo homem, pode-se com toda certeza colocar o fazer artístico e o momento criativo como processo de desenvolvimento da percepção humana, ligada principalmente às novas descobertas sobre a função cerebral, lado direito e esquerdo do cérebro e conseqüentemente como agente de estruturação psíquica do homem.



Figura 23– Negra
 Fonte: Fer (2004)

2.5.1 Estudo de casos

Os dois estudos de caso aqui apresentados foram retirados da obra de Bello (2007, p. 156).

O primeiro relato apresentado foi de Eduardo que descobriu através da pintura espontânea uma série de proibições descabidas e traumas de infância, que determinaram um extemporâneo envelhecimento psíquico, proporcionando-lhe uma postura mais descontraída, maior espontaneidade nos contatos pessoais e a eliminação de um inexplicável receio de enfrentar situações que se apresentavam como ridículas. Através da pintura Eduardo também pode perceber com mais clareza que o excessivo autocontrole e o extremado sendo de responsabilidade correspondiam a condicionamentos que, de forma alguma, poderia aceitar conscientemente.

A partir do reconhecimento das limitações e de superá-las as decisões que Eduardo tomava nas situações eram extremamente conscientes, sem choque e realizadas cada vez menos sem esforço.

Atualmente, depois da estimulação de alguns arquétipos, principalmente as figuras do pai e da mãe, Eduardo está vivendo mais consciente das causas determinantes de seu comportamento e, encontra-se em condições de realizar escolhas e tomar decisões que vêm resultando em satisfações pessoais de superação.

O segundo relato destacado foi o de Bethe, que possuía um sério problema de falta de auto-estima, pois desde pequena aprendeu a não gostar de si mesma e a pensar que as pessoas a toleravam apenas por compaixão. Essa visão distorcida da realidade a tornou muito vulnerável nos relacionamentos com pessoas, não apenas pessoas de convívio (colegas de escola, de trabalho, chefes, namorados), mas também com pessoas desconhecidas.

Por meio da arte-terapia da pintura espontânea Bethe reafirmou seus valores como mulher, conseguiu entender sua sexualidade e transpor problemas de infância que a levaram à falta de auto-estima. Agora ela compreende aos poucos que pode fazer conquistas, sendo carinhosa, delicada e suave, e que não é vítima do mundo, mas sim do próprio medo de não poder se expressar.



Figura 24– Mar revolto

Fonte: Fer (2004)

3 METODOLOGIA

*E*ste estudo é caracterizado como sendo descritivo e bibliográfico.

Descritivo porque descreve as características de um fenômeno e estabelece relações entre as variáveis (LAKATOS, 1996).

Um estudo é bibliográfico, quando é sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros e revistas científicas (LAKATOS, 1996).

Portanto, esse estudo descreve os meios e métodos para se alcançar a transformação através da arte-terapia e bibliográfica, pois, foi utilizado material elaborado por vários autores a respeito do tema.

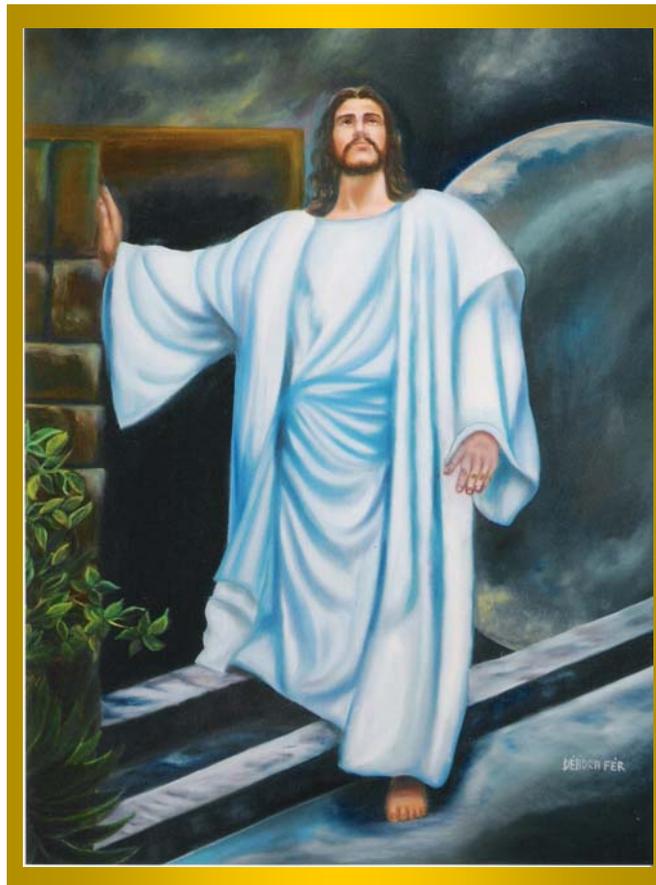


Figura 25– Jesus
Fonte: Fer (2004)

4 CONCLUSÃO

A arte é a tentativa dos indivíduos de representarem sua experiência, tão vivida e apaixonadamente quanto podem, como: dança, poesia, narração de histórias, música, teatro, pintura, escultura, filme, literatura...

A arte-terapia oferece oportunidades de exploração de problemas e potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não-verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais. O uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio de conciliar conflito emocionais e de facilitar a auto-percepção e o desenvolvimento pessoal.

Ilustramos aqui um depoimento observado por Gilberto Dias Filho artista plástico e professor de pintura, que acompanhou o meu desenvolvimento através da arte-terapia durante uma jornada de 08 anos.

“Débora adentrou no meu atelier, trazida por um amigo e alunos. Ela chegou com alguns conhecimento adquiridos pela sua própria intuição e algumas aulas realizadas com outro professor. Iniciou primeiro no desenho e depois com os exercícios básico para o processo da pintura.

No inicio, notei certa resistência a desvincular-se dos hábitos do antigo mestre, mas com muita atenção, paciência, observação e dedicação, foi aprendendo as novas técnicas e aos poucos se adaptando ao novo método.

Durante todo esse tempo, fui acompanhando o desenvolvimento e as mudanças desta nova aluna. Sempre comedida, paciente, com jeito responsável e gestos contidos, aos poucos ela vai se transformando até chegar a um novo

comportamento, alegre e receptível a brincadeiras e uma presença física menos formal.

É incrível como se pode fazer uma relação dessa transformação através com a arte.

O contato de Débora com o fazer artístico levou-a a descobrir uma nova faceta da vida, evidenciou o potencial criativo através da manipulação das cores, das formas, trazendo sempre o seu jeito de ver e de expressar-se.

Hoje, depois do seu envolvimento no campo da psicologia transpessoal, ela inicia uma nova jornada criativa, mostra-se mais tranqüila, mais segura na execução da pintura e traz em suas representações uma temática voltada para elementos oníricos e mitológicos, beirando um tema esotérico.

O que venho percebendo, ao acompanhar durante todo esse tempo essa assídua aluna, é que as aulas de arte tomaram um significado vinculado ao afetivo e ao devir criativo que o contato com arte propicia.

Finalizando, posso afirmar que Débora ainda tem uma longa caminhada com a arte e com certeza ela encontrará sempre novos caminhos “.

Vimos com isto que o papel da arte terapeuta promove estímulos para a pessoa criar e finalizar seu trabalho artístico, acompanhando-o neste percurso através da observação de suas atividades e expressões verbais.

O trabalho que se utiliza de linguagens artísticas objetiva promover o desenvolvimento emocional, o viver criativo inspirado no verdadeiro ser do indivíduo e não apenas uma face racional e aparentemente adaptada à realidade. A expressão plástica colabora para expressão de conflitos e também, na busca de superação da situação de dor e impotência, na integração psíquica e na descoberta do lúdico.

Essas facetas do trabalho artístico, realizado com fins terapêuticos, se fazem presente na dança das cores e formas produzidas pelas artes plásticas. Assim, o indivíduo utiliza a expressividade como forma de descarga de sentimentos, emoções guardadas dentro de si, mas, além disso, como um processo de crescimento emocional e individual, claramente observado através do desenvolvimento de formas, de figuras humanas, imagens confusas e distorcidas.

Todo esse processo tem uma função facilitadora do reconhecimento da capacidade e utilidade das pessoas em relação a si próprias e em como se colocam na sociedade, permitindo-se o resgate da identidade e provocando maior conscientização e atuação sobre o real.

Portanto, foi demonstrado através deste estudo de forma clara e objetiva não apenas a importância, mas a eficácia da arte-terapia no processo de conhecimento e transformação do indivíduo.

Assim, deixo com vocês a bênção, a alegria e toda a paz transmitida pela irmã Santa Terezinha, que tanto amor e compreensão transmitiu-nos aqui no plano terrestre.



Figura 26– Santa Terezinha

Fonte: Fer (2006)

BIBLIOGRAFIA

BELLO, Susan. **Pintando sua alma: método de desenvolvimento da personalidade criativa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

BERNARDO, Patrícia Pinna. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**. V. 2. Ano 2. Janeiro/Junho 2006.

BRANDÃO, Denis M. S. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

CAUQUELIN, Anne. **Teoria da Arte**. São Paulo: Editora Martins, 2005.

ENGELMANN, Arno. A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan./Apr. 2002, vol.18, no.1, p.1-16. Disponível em: <<http://www.scielo.bvs-psi.org.br/scielo>>. Acesso em: 15 mai. 2008. 15:40:10.

FERREIRA, Aurino Lima; BRANDÃO, Eliége Cavalcanti; MENEZES, Salete. **Psicologia e psicoterapia transpessoal: caminhos de transformação**. Recife: Comunigraf, 2005.

FURTH, George M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

JUNG, Carl. G. **O homem e seus símbolos**. 12^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LUSTOSA, Patrícia Rocha. A pesquisa em psicanálise: entre a técnica, a extensão e a intenção. **Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial. Rio de Janeiro, 2003**. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/>. Acesso em: 15 mai. 2008. 15:50:45.

OLIVEIRA, Norma Alves de Oliveira. **Psicanálise transpessoal e terapia de vivências passadas: um encontro na direção da cura profunda**. Aracaju: Print, 2004.

PSICOLOGIA ON-LINE. **A história da psicologia**. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologiaonline.com.br/ahistoriadapsicologia>>. Acesso em: 15 de mai. 2008. 15:00:00.

SALDANHA, Vera. **A psicoterapia transpessoal**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v.7 n.2 São Paulo dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.bvs-psi.org.br/scielo>>. Acesso em: 15 mai. 2008. 15:30:00.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida & obra**. 20^a ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; DAMERGIAN, Sueli. Para um novo humanismo: contribuições da psicologia social. **Estudos Avançados**. vol.10 no.28 São Paulo Sept./Dec. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.bvs-psi.org.br/scielo>>. Acesso em: 15 mai. 2008. 16:00:25.